

O LUGAR DO CAIPIRA NO PROCESSO DA MODERNIZAÇÃO¹

Neusa de Fátima Mariano*

RESUMO:

O texto que ora apresentamos é parte de uma pesquisa em nível de mestrado ainda em andamento. O que se objetiva, neste contexto, é o entendimento da cultura caipira em um momento da nossa sociedade em que a economia de mercado mostra-se cada vez mais agressiva no que diz respeito à competitividade. O caipira, durante muito tempo, manteve-se isolado do mundo do trabalho, não por vadiagem ou falta de oportunidade, porém pela sua desnecessidade. Em seu modo de vida não havia sentido a acumulação de capital, daí a rusticidade ser uma das suas características. Com a necessidade cada vez maior de acumulação de capital pela sociedade moderna, o caipira torna-se também um trabalhador assalariado e o seu modo de vida totalmente inserido no mundo da mercadoria. É este o processo que vem ocorrendo com o caipira de Jaú, município do estado de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE:

Caipira, cultura, mercado, acumulação de capital, trabalho, Jaú.

ABSTRACT:

The text we present now is part of a research of mastership level that is still in development. The aim, in this context, is the understanding of the "caipira" culture in a moment of our society in which the market economy shows itself increasingly aggressive regarding the competitiveness. The "caipira", during much time, kept isolated from the work world, not because of the lack of opportunities, but because of the lack of necessity.

In "caipira" 's way of life, the capital accumulation didn't make sense, that's why rusticity is one of "caipira" 's characteristics. Because the increasingly necessity of capital accumulation by the modern society, the "caipira" becomes also an employ and his way of life becomes totally inside of the market world. This is the process that is occurring to the " caipira" from Jaú, a little city of São Paulo state.

KEY WORDS:

"Caipira" culture, market, capital accumulation, work, Jaú.

* Pós-graduanda em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo/Brasil, sob a orientação do Prof. Dr. Heinz Dieter Heidemann. E-mail: asuen@usp.br ou neusamariano@hotmail.com.

Sobre o caipira...

"Era otra fazenda. No Curuzu então, num morava ninguém na casa do patrão, ninguém, mais eu foi uma vez lá no... quando eu era sortero, então foi eu com treis colega, comigo era quatro. Só que tinha que passá na frente da casa do patrão, lá no Curuzu, nós vimo uma moça sentada no, na aba do passeio, numa caxona grande e vimo um cachorrão assim, grande tamém. E nós vimo que era noite, tudo... Passemos, quando nói passemos, nói olhemos lá num tem nada, num tinha mais. Aquela moça num tinha, num tava mai lá, aquela no passeio e a casa tava tudo fechado. Num tinha mai ninguém, nem cachorro. E esse cachorro nós via ele mai ele num latia! E ele vinha grandão atrá de nós né, e depois sumiu. Mas por que eu num sei explicá. Era isso a história de lá. Era assombração, num percebimos que jeito que era aquele negócio lá. Agora a moça nós vimo, vimo sentada no passeio, vimo a moça, vimo o cachorro, sabe, mas a rapaziada nova né num tinha medo! Nós tava em quatro, passemos aquilo por, por brincadeira sabe. Mai depois que nós fomos conversá o negócio memo, nós pergutemos os outros mais véio falô: 'Lá num mora ninguém não! Aquela casa é assombração memo!'" (LUIZ ROGATTO – Jaú, outubro de 1999).

Este é apenas um dos muitos causos contados por Luiz Rogatto. Assim como ele, muitos outros caipiras lembram de sua mocidade, seja nas rodas de viola, seja na lida da roça, dos cafezais. Ao contarem os seus causos, revivem um passado que não volta

mais. E é pela simplicidade dessa gente que viveu do trabalho na lavoura tirando da terra o próprio sustento, que a curiosidade do pesquisador abateu sobre o seu mundo, sobre o seu modo de vida. Afinal, quem é este personagem, muitas vezes tido pela sociedade moderna como o preguiçoso², o sujo, o atrasado e que é parte formadora da nossa história, a história do Brasil?

Proveniente da miscigenação do índio nativo com o português colonizador durante três séculos (XVI, XVII, XVIII), o caipira paulista surge na nossa história como o portador de uma cultura singular, carregando consigo muito da europeia e mantendo também, e principalmente, muitos dos costumes de seus antepassados nativos. Dessa forma, as aventuras portuguesas mata adentro objetivavam encontrar ouro e prata, além de aldeias indígenas, cujas mãos escravizadas eram aproveitadas nos trabalhos de homens brancos. Tornaram-se, esses aventureiros, agricultores precários quando da necessidade de produção de alimentos para subsistência, fixando-se nas terras dos sertões paulistas e iniciando a formação de pequenas vilas e aldeias que mais tarde se tornariam grandes cidades.

O caipira possui, portanto, aspectos no seu modo de vida herdados do português antigo, o colonizador, que, longe de Portugal, permaneceram devido à lentidão no processo de transformação com a chegada cada vez mais veloz do mundo moderno.

É na etimologia da palavra *caipira* que damos o primeiro passo para a discussão acerca do entendimento sobre o seu modo de vida. Dessa forma, para Batista Caetano (Apud SOUZA, 1910) a palavra *caipira* vem do tupi: *cai* = queimada / *pir* = pele: *pele tostada*. Para Câmara Cascudo (1988), em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, a origem de *caipira* pode estar em *caipora*, ou seja: *caá* = mato / *pora* = habitante, morador. Portanto, *caipira* é o *habitante do mato*; ou ainda:

"Homem ou mulher que não mora na povoação, que não tem instrução ou trato social, que não sabe vestir-se ou apresentar-se em público (...). Habitante do interior, canhestro e tímido, desajeitado mas sonso (...)" (CASCUDO, op. cit. BRANDÃO, 1983, p.10).

No *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*, de ANTONIO GERALDO DA CUNHA (1989), encontramos:

"caipira: *Origem controvertida. Admitindo-se que proceda do tupi, caipira poderia ser uma corruptela de caipora, com intercorrência de curupira, que justificaria a evolução – pora → pira. Semanticamente a hipótese é viável; faltam, todavia, os elos da cadeia evolutiva, pois a documentação histórica é tardia"* (p.83).

Curupira, por sua vez, significa, conforme o mesmo Dicionário:

"Diabo, entre os indígenas; ente fantástico que, segundo a credence popular, vive nas matas e tem os dedos dos pés voltados para trás e o calcanhar para frente" (p.124).

SAINT-HILAIRE, em *Viagem à Província de São Paulo*, vem concordar com a analogia do caipira com o curupira ao dizer que:

"Pelos mesmos têm os habitantes da cidade pouquíssima consideração, designando-os pela alcunha injuriosa de caipiras, palavra derivada possivelmente do termo curupira, pelo qual os antigos habitantes do país designavam demônios malfazejos existentes nas florestas (...)" (SAINT-HILAIRE, op. cit. BRANDÃO, 1983, p.11).

Cornélio Pires, um dos grandes divulgadores da cultura caipira, apresenta-nos um ser sem estereótipos, sem associações que lhe tragam uma imagem errônea do seu modo de vida, alicerçada na produção familiar essencialmente de subsistência e nas relações de compadrio; são diversas as manifestações culturais com as modas de viola, as danças, os causos, as adivinhas e mentiras; são singulares na culinária, na vida religiosa e nas credices, enfim, na magia que se encontra na sinceridade, simplicidade e ingenuidade do caipira ao explicar e entender o mundo. Dessa forma, este autor fala do caipira como o homem da terra, que conversa com a terra, que trabalha e vive da terra.

"Por mais que rebusque o 'étimo' de 'caipira' nada tenho deduzido com firmeza. Caipira seria o aldeão; neste caso encontramos o tupi-guarani 'capiâbiguâra'. Caipirismo é acanhamento, gesto de ocultar o rosto: neste caso temos a raiz 'cai' que quer dizer: 'gesto de macaco ocultando o rosto'. 'Capiiara', que quer dizer o que é do mato. Capiã, de dentro do mato: faz lembrar o 'capiãu' mineiro. 'Caapi' – trabalhar na terra, lavoura a terra – 'caapiára', lavourador. E o caipira é sempre lavourador. Creio ser este último caso o mais aceitável, pois 'caipira' quer dizer 'roceiro', isto é, lavourador (...)" (PIRES, op. cit. BRANDÃO, 1983, p.11).

BRANDÃO (1983) reforça os dizeres de PIRES, pois para ele os caipiras nunca são percebidos pelos viajantes estrangeiros como trabalhadores da terra, e sim como vadios, sujos e preguiçosos, e os defende dizendo que estes trabalham tanto que não lhes sobra tempo para cultivarem a si próprios, aparentando estarem sempre desarrumados, longe de qualquer trato com a sociedade, afinal

"*Cativos da terra, sem serem escravos dos senhores de terra, então, por isso mesmo, mais afastados de sua cultura civilizadora do que os próprios índios 'catequizados', ou do que os próprios escravos 'civilizados'*" (BRANDÃO, 1983, p.20, 22).

ANTONIO CÂNDIDO (1987), em *Os Parceiros do Rio Bonito*, investiga o modo de vida de um agrupamento caipira, buscando a sua compreensão a partir de uma cultura tradicional, ou seja, costumes que permaneceram daquele caipira anterior à chegada dos colonos do fim do século XIX.

Ele busca na figura do parceiro³ da década de 1950 elementos que caracterizem uma cultura rústica, isto é, tradições que se ajustaram ao ritmo da urbanização e modernidade.

Para ele, a base está na necessidade; elas movem a sociedade promovendo elementos que a satisfaçam. Dessa mesma forma acontece com os bairros caipiras. Estes mantinham-se com o que ANTONIO CÂNDIDO chamou de *mínimo vital* e *mínimo social*. Por isso, a coleta, a caça e a desnecessidade do trabalho na lavoura, não havendo a produção de excedentes para o mercado. O mínimo vital está relacionado à alimentação, enquanto o mínimo social diz respeito à sociabilidade entre as famílias e os bairros.

Os bairros eram os agrupamentos de famílias afastadas da povoação, do centro populacional e comercial, porém territorialmente subordinados a ela. As famílias formavam uma unidade devido à convivência, à solidariedade e às atividades lúdico-religiosas.

A necessidade de sal e querosene fazia com que o caipira fosse até o centro comercial mais próximo para a aquisição desses produtos, permitindo um contato com outras pessoas e outros grupos sociais ou bairros. A igreja também aparece como ponto de sociabilidade, por conta das missas, rezas, terços e festas, que

demandam uma certa organização (logo, relações sociais).

"*A sociedade caipira tradicional elaborou técnicas que permitiram estabilizar as relações do grupo com o meio (embora em nível que reputaríamos hoje precários), mediante o conhecimento satisfatório dos recursos naturais, a sua exploração sistemática e o estabelecimento de uma dieta compatível com o mínimo vital – tudo relacionado a uma vida social de tipo fechado, com base na economia de subsistência*" (CÂNDIDO, 1987, p.36).

Determinados costumes da cultura caipira foram se ajustando a uma nova conjuntura, a uma nova sociedade e à urbanização crescente. Uma das modificações ocorridas é o *mutirão*.

O mutirão consiste em uma espécie de ajuda mútua entre os moradores de um determinado bairro. São as atividades da lavoura, roçados, plantações e indústria doméstica que proporcionam o mutirão, o qual sempre termina com uma festa. O favor nunca é esquecido e é retribuído assim que solicitado. ANTONIO CÂNDIDO (1987) cita um velho caipira que lhe contou que no mutirão a obrigação não é com ninguém, é com Deus, por isso ninguém recusa o auxílio pedido.

CÂNDIDO (1987) nos fala sobre três comportamentos diferentes do caipira perante a civilização urbana, a saber a aceitação dos traços impostos e propostos, a aceitação só de traços impostos e a rejeição de ambos os traços.

Na aceitação dos traços impostos e propostos, o caipira revela o desaparecimento da sua cultura individual e familiarmente, seja pela desintegração (mobilidade, dispersão), seja pela aceitação de novos padrões, comportamentos, crenças etc.

A aceitação só de traços impostos diz respeito aos:

"(...) pequenos lavradores, sitiante ou parceiros, que, embora arrastados cada vez mais para o âmbito da economia capitalista, e para a esfera de influência das cidades, procuram ajustar-se ao que se poderia chamar de mínimo inevitável de civilização, procurando doutro lado preservar o máximo possível das formas tradicionais de equilíbrio. Daí qualificá-los como grupos que aceitam, da cultura urbana, os padrões impostos – aquilo que não poderiam recusar sem comprometer a sua sobrevivência -, mas rejeitam os propostos, os que se apresentam com força incoercível, deixando margem mais larga à opção" (CÂNDIDO, 1987, pp.218-219).

O terceiro comportamento, a rejeição de ambos os traços, leva o caipira a um certo isolamento para dar continuidade à reprodução do seu modo de vida; porém, isolado da sociedade como um todo, sua tendência é desaparecer devido à ausência de infra-estrutura que mantenha a sua reprodução cultural.

ANTONIO CÂNDIDO revela um certo receio com relação ao desaparecimento por completo da cultura caipira:

"A cultura do caipira, como a do primitivo, não foi feita para o progresso; a sua mudança é o seu fim, porque está baseada em tipos tão precários de ajustamento ecológico e social que a alteração destes provoca derrocada das formas de cultura por eles condicionada. Daí o fato de encontrarmos nela uma continuidade, uma sobrevivência das formas essenciais, sob transformações de superfície que não atingem o cerne senão quando a árvore já foi derrubada – e o caipira deixou de o ser." (CÂNDIDO, 1987 pp.82-83).

O caipira de Jaú⁴

Em Jaú, por conta da febre do ouro por volta de 1772, estabeleceram-se alguns aventureiros portugueses bandeirantes propiciando a miscigenação étnica e cultural naquele local.

"A febre do ouro aguça desmedidamente as ambições e atiza o espírito aventureiro de homens valentes, intrépidos, rudes, cruéis, muitas vezes e quase sempre obstinados. Gente que mata e morre para garantir seu cadinho do ouro, da prata e do diamante que, generosos, brotam das minas recém-descobertas.

À procura do Eldorado, esses titãs embrenham-se por terras desconhecidas, desbravam o sertão bruto, escalam espigões, cruzam rios e abrem picadas em meio à solidão das selvas onde também degradam e escravizam o índio, seu dono legítimo e habitante soberano." (CLARO, 1998, p.5).

Essas famílias se fixaram, derrubaram as matas e instalaram várias culturas para subsistência a princípio e, posteriormente, para a movimentação da economia local. O fumo e a cana-de-açúcar tiveram papel importante no mercado jauense, sendo cultivados em muitas fazendas. No entanto, as dificuldades com a mão-de-obra e meios de transporte fizeram com que tais produtos fossem consumidos apenas na região, sendo exportada somente a aguardente de cana. Tais produtos foram sendo substituídos pelo café diante da fertilidade do solo (latossolo roxo), das condições de relevo (planalto), do clima tropical, e obviamente do mercado que se encontrava favorável para a sua comercialização.

Após a abolição da escravatura e a necessidade de mão-de-obra nos cafezais, imigrantes europeus (principalmente italianos e espanhóis) vieram compor a população de Jaú e proporcionar uma nova miscigenação, chamada

por Antonio Cândido e José de Souza Martins de acaipramento ou acaipiração. Estava implantado o colonato nos interiores das fazendas de café já por volta de 1890.

O Senhor Luiz Rogatto, filho de italianos e nascido no Brasil, foi um dos colonos das fazendas de café em Jaú. Antes de morar na cidade, em 1983, ele teve um sítio de sete alqueires e meio onde plantava algodão, milho e café. Seus filhos o ajudavam no plantio e colheita desses produtos; no entanto, quando era preciso, seus vizinhos sitiante o auxiliavam para tal tarefa.

"Ajudava, mas era tudo, tudo colega sabe. Que nem vamo supô: eles tinha uma prantação pra coiê, eles pedia pra mim. Eu ia ajudá eles. Depois quantos dia eu levava lá no dele, depois ele me dava os dia pra mim. Tudo trocado né, tudo de colega, sabe. Nenhum pagava nada pro outro, pagava sim a troco de serviço sabe. Eu trabaivava pra ele, depois ele trabaivava pra mim"⁵.

Porém, tal forma de ajuda mútua não caracteriza o mutirão, mas este alterado, acompanhando as transformações da sociedade; seria o que ANTONIO CÂNDIDO (1987) chamou de *solidariedade vicinal*. Esta não tem a festa no final da empreitada e implica a retribuição equivalente do beneficiário – não no formato do dinheiro, porém uma dívida moral.

Atualmente, as dificuldades financeiras não permitem festas, não deixam tempo para comemorações e, às vezes, nem há o que comemorar. Ocorre a passagem de uma economia fechada com mínimos de subsistência para uma capitalista acompanhada pelos sintomas da crise cultural e social.

Em Jaú, o colonato, com o sistema de trabalho familiar, possibilitava a sociabilidade entre as famílias, que se reuniam para as modas de viola e serenatas, para as festas dos

dias santos e para os funerais, apesar da constante mobilidade por entre as fazendas na busca de contratos mais vantajosos. A remuneração era pouca, sendo efetuada, conforme o contrato, uma, duas ou três vezes ao ano, mas a fartura em alimento era permanente.

O assalariamento mobilizou ainda mais os trabalhadores da roça; famílias de caipiras foram para a cidade, além do que, muitas fazendas foram loteadas e transformadas em bairros periféricos. O que antes era café, agora é cana-de-açúcar; os fazendeiros que antes contratavam trabalhadores rurais cedem espaço às usinas que compram ou arrendam suas terras; o colono virou bóia-fria e sua comida farta precisa de muito suor para ser comprada.

Considerações finais

A individualização provocada, a princípio, pelo assalariamento é um dos sintomas de vulnerabilidade da cultura caipira em Jaú; a sociabilidade vai se tornando cada vez mais rara, existindo tão somente por meio da fé nas manifestações religiosas (missa, quermesse, festa junina, festa do padroeiro da cidade etc.).

Nesse contexto, cultura, do latim *colere*, diz respeito ao cuidado com a natureza, plantas e animais. Segundo CHAUI (1993), a cultura pode ser entendida como

"(...) ordem simbólica por cujo intermédio homens determinados exprimem de maneira determinada suas relações com a natureza, entre si e com o poder, bem como a maneira pela qual interpretam essas relações, a própria noção de cultura é aversa à unificação" (CHAUI, 1993, p.45).

Dessa forma, em cada lugar desenvolvem-se modos diferenciados para lidar com a natureza, para lidar com a reprodução da vida, ou seja, é o modo de vida específico de cada

civilização e de cada lugar que vai caracterizar a cultura de uma determinada população.

As diferenças culturais, ao entrarem em contato com o mundo da mercadoria, adquirem novos padrões, impostos pelo capital e mediados pelo Estado. Coloca-se em um único plano não só o ritmo da vida de cada lugar, mas também as relações sociais e culturais desses lugares.

Para o caipira jauense, a cultura massificada e o avanço tecnológico e informacional chegaram no campo ameaçando a sua existência, a existência da sua reprodução cultural. O acesso à educação e entendimento do mundo moderno desmistificaram as crendices e superstições; a ingenuidade cedeu lugar ao sonho e à ambição do *status* social, da qualificação profissional; as pessoas adquiriram novos valores como o consumo, o sonho do carro e da casa própria, do conforto etc.

A televisão, o rádio, a *internet* abriram o caminho para a cultura fabricada nos porões da sociedade moderna, movida e reproduzida pela economia de mercado. O caipira tende a virar o *country*, já que a sua música mercantilizada é a sertaneja.

As festas tradicionais foram deturpadas e são festas comerciais com a venda e compra de comes e bebes que simbolizavam a fartura da colheita. As conversas ao pé do fogo são sussurros em frente ao aparelho de tevê; os doces e compotas que tinham magias e mistérios na sua preparação são atualmente adquiridos no mercado⁶, rotulados pela industrialização.

E assim encontramos o nosso caipira jauense⁷ que abraçou os traços impostos e propostos pela economia de mercado; sua cultura virou memória de alguns velhos que ainda benzem com ramos de arruda e curam feridas, que acreditam em assombrações e seres fantásticos que habitam as matas, que contam histórias e lendas que ouviam de seus pais e avós; lembram que dançavam, tocavam e cantavam modas de viola como nos relata o Senhor LUIZ ROGATTO:

"Ah, fazia assim de brincadeira sabe, divertia assim. Eles fazia, toca, violão e dança e coisa... Das veiz fazia um chorrascão, churrasco assim, tudo os colega sabe, um dava uma leitoa, outro dava um frango, outro... então juntava todo nós e fazia aquele... sabe, fazia aquela festa né, uma janta um armoço... Naquele tempo a turma toda gostava muito de vinho né, tomava vinho, pinga, cerveja, tudo né. Comia carne, assava carne no fogão de lenha, forno de lenha, tudo de lenha, não tinha nada de gás. Hoje em dia, pra nós né, num tinha naquele tempo nada disso daí, fogão a gás... nada, nada tinha rodinha daquele de... eles falava rabo quente... Era um rabinho que tinha... esquentava pra daná!! Só aquele nós tinha."

É importante salientar que no campo a tecnologia (luz elétrica, água encanada, fogão a gás etc.) trouxe benefícios ao dia-a-dia das pessoas. Não podemos ser românticos e tratar da rusticidade como pura poesia, sem enxergar as dificuldades que esta trazia para os moradores e trabalhadores da roça. Estamos tratando de um modo de vida de uma determinada população (os caipiras) em um determinado lugar (Jaú), que recebeu de braços abertos novos valores e confortos domésticos.

Podemos dizer que a luz elétrica foi apenas um dos sintomas do fenômeno que aconteceria mais tarde: a incorporação pelo caipira de novos comportamentos despejados pela economia de mercado.

O problema não é a tecnologia, mas esta aliada ao mercado cuja intenção é massificar e homogeneizar a sociedade, caminhando para a destruição das diferenças e especificidades de cada lugar. Cabe, portanto, a cada grupo tradicional, manter ou não as suas manifestações e os seus valores, receber ou não a cultura de massa, persistir ou não pela sua sobrevivência.

Em Jaú, o lugar do caipira parece ser o mesmo do trabalhador e do consumidor, mesmo que precariamente. As suas manifestações são os espetáculos da sociedade de consumo; a festa profana em nome do sagrado, como, por

exemplo, as quermesses para arrecadar dinheiro para benfeitorias na Igreja.

O que resta ao caipira é a si mesmo, a sua simplicidade, o seu carisma e sua criatividade...

Notas

- 1 O artigo original foi apresentado durante o II Colóquio Internacional de Geocrítica "Innovación, desarrollo y medio local. Dimensiones sociales y espaciales de la innovación" 24 a 26 de Maio de 2000, Universidade de Barcelona – ES.
- 2 Esses estereótipos têm a ver com modo de vida do caipira, cuja cultura não é a mesma que carregavam os colonizadores e viajantes europeus.
- 3 Segundo Antonio Cândido (1987), "a parceria é uma sociedade, pela qual alguém fornece a terra, ficando com direito sobre parte dos produtos obtidos pelo outro" (p.107)
- 4 Jaú é um município do estado de São Paulo e nossa área de estudo.
- 5 Entrevista cedida por Luiz Rogatto em outubro de 1999.
- 6 Conforme relato cedido por Dona Elsa, moradora da Fazenda Santana em Jaú, em outubro de 1999.
- 7 Não queremos dizer, de modo algum, que o caipira não existe enquanto portador de uma cultura tradicional. Podemos encontrar em algumas cidades como Dois Córregos, por exemplo, vizinha de Jaú, famílias vivendo da maneira mais rústica que se pode imaginar, permanecendo suas crendices e costumes. Isso é possível pelo fato de tais famílias estarem afastadas do convívio com a cidade, isoladas e sem acesso aos meios de comunicação e tecnologia. Cabe, portanto, uma pergunta que nos levaria a uma nova pesquisa: "É resistência consciente da cultura caipira diante da modernidade ou esses caipiras se isolam porque têm medo do novo?"

Bibliografia

- AB'SABER, Azis Nacib. A Região de Jaú: Problemas de Urbanização em Manchas de Solos Ricos. *Cadernos de Ciência da Terra*. São Paulo: Instituto de Geografia, USP, 1972.
- AMARAL, Amadeu. *O Dialeto Caipira: Gramática, Vocabulário*. 4.ed. São Paulo: Hucitec, Brasília: INL, 1981.
- ARAÚJO FILHO, José Ribeiro. O Café, Riqueza Paulista. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção São Paulo, vol.23, 1956.
- ARLANCH, Flávia. *Formação do Mercado Interno em São Paulo – o Exemplo de Jaú (1870-1914)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1977.
- BOSI, Alfredo (org). *Cultura Brasileira. Temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os Caipiras de São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, Coleção Tudo é História, vol.75, 1983.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Plantar, Colher, Comer*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- CÂNDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o Caipira Paulista e a Transformação dos seus Meios de Vida*. 7.ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1987.
- CÂNDIDO, Antonio. O Mundo do Caipira. Encarte do CD *Caipira – Raízes e Frutos*. São Paulo: Sony Music e Estúdio Eldorado Ltda, 1980.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 7.ed. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Edusp, Ed. Itatiaia. Coleção Reconquista do Brasil, 2. série, vol. 151, 1988.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *Cultura e Democracia: o Discurso Competente e Outras Falas*. 6.ed. São Paulo: Cortez, Biblioteca da Educação, série 6. Filosofia, vol.2, 1993.
- CLARO, Waldo. *Jaú: a Semente e a Terra*. Edição comemorativa do 90º aniversário do Jornal Comércio do Jahu. São Paulo: O Comércio do Jahu, 1998.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos – EDUSP, 1989.
- FERNANDES, José. *Vultos e Fatos da História de Jaú*. Edição Comemorativa do Centenário de Jaú (1853-1953). São Paulo: Ed. do Correio do Noroeste, Correio da Capital e Correio de Garça, 1955.
- FERNANDES, Liliana Laganá. *O Bairro Rural dos Pires*. São Paulo: Instituto de Geografia/USP, Série Teses e Monografias, n.5, 1971.
- GAUDEMAR, Jean Paul de. *Mobilidade do Trabalho e Acumulação do Capital*. Lisboa: Estampa, 1977.
- HILÁRIO, Freire. *O Primeiro Século de Jaú*. Jaú, s/e, 1953.
- MARTINS, José de Souza. *O Cativo da Terra*. 6.ed. São Paulo: Livraria e Editora de Ciências Humanas, 1996.
- MARTINS, José de Souza. A música sertaneja entre o Pão e o Circo. *Travessia – Revista do Migrante*. São Paulo: CEM, Ano III, n.7, 1990.
- MARTINS, José de Souza. "Viola quebrada." *Debate & Crítica*. Revista Quadrimestral de Ciências Sociais, n.4, São Paulo: s/e, 1974.
- MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec e Polis, 1984.
- MÜLLER, N. L. Sítios e Sítiantes do Estado de São Paulo. *Boletim*, v.132, Geografia n.7. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1951.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Agricultura Brasileira: As Transformações Recentes*. São Paulo: SPM/CEM, 1994.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Modo Capitalista de Produção e Agricultura*. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1986.
- PIRES, Cornélio. *Scenas e Paizagens da Minha Terra (Musa Caipira)*. São Paulo: Monteiro Lobato & C. 5.milheiro, Edição Revista do Brasil, 1921.
- PIRES, Cornélio. *Selecta Caipira*. São Paulo: Livraria Liberdade, 1929.
- PIRES, Cornélio. *Conversas ao Pé do Fogo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, Edição fac-similar, 1987 (1.ed., 1921).
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à Província de São Paulo*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do Fim do Século*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, Prismas, 1999.
- SOUZA, Bernardino José de. *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*. 5.ed. da Onomástica Geral da Geografia Brasileira, 1910 (1.ed.). São Paulo: Cia. Editora Nacional.

